

Autor: ABRAÃO BATISTA

A Questão do Camponês com o coronel Humberto e a Promessa ao Pe. Cícero



Autor: ABRAÃO BATISTA

A questão do Camponês com o Coronel Humberto e a promessa ao Pe. Cícero

2o. VOLUME

O leitor está lembrado
do que foi que eu falei
sobre a questão do Joaquim
com aquele homem da lei
que era o coronel Humberto
você já sabe e eu sei.

Nós ficamos justamente
na casa do magistrado
quando ele a nós ouvia
muito do admirado,
porém para o Joaquim
sempre foi tudo nublado.

Contamos de novo a história
apelamos pra caridade
lembrando que o coronel
não devia fazer maldade,
o juiz disse: isso não,
é impossível ser verdade!

— Pode ser que em seu nome
alguém faça o ruim
mas eu acredito que ele
sabendo, não faça assim
aliás, ele me disse
que quer tudo já, no fim.

O Juiz disse assim:
o coronel me autorizou
se possível, dar de graça
a terra que ele comprou
contanto que a questão
chegue ao fim — terminou.

Eu disse: mas sr. Juiz
como é que pode dar
aquilo que não é dele,
o que não devia comprar
eu acho bonito o direito
no que pode desenrolar...

Vossa Excelência já disse
que terra que tem herdeiro
não podia ser vendida
Mas, no nosso Juazeiro
venderam as terras do homem
num negócio trapaceiro.

O Juiz com toda a calma
com uns papéis me falou
— ajude o Joaquim Ferreira
e novamente assentou
uns desenhos do terreno
e toda terra tombou.

Eu disse para o Juiz
— peço agora permissão
para lhe falar assim
como eu fosse o irmão
desse Juiz que conheço
antes dessa vil questão.

Faça de conta, doutor
que voce é o colega
estudante, que comigo
na escola que não nega
conversávamos na justiça
e o ideal que se apega.

Nesse momento eu notei
a expressão do doutor,
ví através dos seus olhos
um rasgo claro de amor
pela Justiça Divina
com todo o seu resplendor

Acrescentei para os dois
numa fé toda expressiva,
— tomara que o Pe. Cícero
nessa contenda nos sirva
e o coração do coronel
toque nessa missiva.

Eu disse: Dr. Miguel
um negócio a gente faz
o coronel vende as terras,
as 40 braças em paz
depois, Vossa Excelência
o inventário nos traz.

— Não, porque a irmã
do Joaquim, já concordou
em ceder 30 braças
daquelas que se falou;
mas Joaquim disse pra ele
que o outro irmão lhe negou.

Indaguei: por que fizeram
esta triste transação?
— vender terras de outro
sem a mínima contemplação!...
Uma cousa dessa, doutor
é de cortar o coração!

O Juiz disse: o culpado
foi aquele que vendeu...
Conversamos um bocado,
minha proposta valeu
para o Joaquim estudar
com o povo que é seu.

— O banco tem condições
para a compra financiar
e você em doze anos
em parcelas vai lhe pagar
sendo que eu fico feliz
por esta luta findar.

Mas o preço deve ser
trinta mil, sem questão
Joaquim disse: doutor
com esse preço, assim, não
ele comprou tudo por quinze
assim, não quer solução!

Mesmo há quem me diga
que o preço mesmo foi treze...
eu disse no pensamento:
está pior do que feze,
pra tal negócio ó Cristo
não há cristão que se preze.

O Juiz achou graça
eu também lhe sorri,
a solução dessa luta
bem de perto eu lá ví,
pedí licença pra eles,
com ligeireza saí.

Nesse dia ficou
quase tudo acertado
— Joaquim, em Fortaleza
com seu irmão e cunhado
trataram do assunto
um pouco mais com cuidado.

Desenvolvendo a conversa
o Juiz rindo, falou
nos leilões e hasta pública
que no passado levou
o Juiz daquela época
mas, nada se processou.

Depois das terras levadas
a leilão e sem vender
Joaquim assinou a conta
para o inventário proceder
mas nada disso foi feito
como hoje está pra ser.

Depois disso, o Joaquim
pra Fortaleza viajou
para com familiares
bem detalhado explicou
depois, a Juazeiro
com o seu filho voltou.

Chegando em Juazeiro cedinho, me veio falar e nós três ao Juiz fomos nos encontrar na busca do impossível poder se solucionar.

O Juiz ofereceu café e de café nós nos servimos depois de uma meia hora alegres nos despedimos porque a minha proposta valeria, assim nós vimos.

A minha proposta foi de Joaquim, então pagar 15 mil cruzeiros novos com o banco a financiar por doze anos parcelados sendo o Juiz a enfrentar.

O coronel receberia de volta, o seu dinheiro anotando-se no papel as braças de cada herdeiro justamente as 77 vendas por trapaceiro.

Depois de se concluir aquela dita questão o Juiz nos prometeu fazer a repartição geodésica que é o ideal da solução.

Dr. Iranildo Pereira deputado estadual assistiria a transação no justo dia final para ser a testemunha não haveria outra igual.

Aliás, ele já tinha com o vice governador conversado por telefone dando certo valor para esse dito caso de reverenciado sabor.

Convém que aqui se lembre desse mesmo deputado no ano de setenta e dois fora por nós procurado mas, para a infame questão o fim não lhe foi achado.

Quando nós nos despedimos o Juiz, pronto, entregou uma carta pro Joaquim e que para ele falou: entregue ao capataz José Monteiro, e calou.

“Essa carta, o convoca para aqui eu o ouvir sobre quanto vai querer de indenização, e garantir que sairá do terreno”; coisa que me fez sorrir.

“O feitiço vira sempre
por cima do feiticeiro”
um exemplo desse assim
é algo mais no Juazeiro
se a Justiça lhe for feita
eu a escrevo por inteiro!

Depois do capataz ouvido
o resto vinha depois
esse homem era valente
o Juiz quí-lo à sóis;
Nossa Senhora do Desterro
desta vez — reze por nós;

Joaquim entregou a carta
à família do capataz
porque não estava presente
e a notícia depois nos traz
dizendo que o dito cujo
debochou do seu cartaz.

No dia 11 de agosto
o Joaquim apareceu
e outra carta, o Juiz
pra José Monteiro, valeu
mas o capataz do coronel
a carta não recebeu.

No dia 13, Joaquim voltou
na casa do seu Juiz
contou a mesma história
que o capanga lá diz:
“ser ordem do seu patrão
a não atender infeliz...

O capataz muito afoito
chamou de ignorante
Dr. Miguel, o juiz
por fazer, como assinante
uma data atrasada
tornando-se arrogante

O Juiz prometeu
sabendo do acontecido
mandar outra pessoa
“um pouco mais entendido”
para ver se o capataz
por ele era atendido.

Acertamos data certa
para servir de testemunha
o Deputado Iranildo
que também não roe a unha
e no dia 10 de setembro
a história assim se cunha:

O deputado Iranildo
achou que estava errado;
porque trinta mil
queria o magistrado;
e o meu pensamento atrás
ficou desmantelado.

Está certo na compra
o sr. coronel Humberto,
só no local não está
porque fica em aberto
o inventário da família
que será feito por certo.

Aliás, quem vendeu, assim falou o Juiz não podia ter vendido tantas braças como diz e o documento mostrando depressa eu, logo quis.

Diz que Nicássio Tavares há muito tempo morreu, cinquenta e sete braças sem poder ele “vendeu” quando só podia, onze foi o que aconteceu.

O erro do coronel foi não querer desfazer essa compra mal feita que faz dele correr o pobre sem ter coragem e na justiça não crer.

O deputado então disse: não vamos sacrificar esse pobre camponês; é melhor se debulhar esse inventário louco que não custa se findar.

Todos nós concordamos o Juiz disse; **está certo**, vou mandar fazer partia e o dia esta mais perto. então nós nos despedimos deixando tudo em aberto.

Passados 40 dias encontrei-me com o magistrado perguntei: e o inventário? já há muito tempo passado... ele respondeu: a intimação não recebeu dia passado?

A intimação teria sido feita para o Joaquim que o mesmo não tinha visto mas não achou tão ruim e logo fomos ao cartório para ver dela o fim.

Aos 22 de novembro fomos ao cartório Machado pedindo ao escrivão Carlos que era o encarregado de fazer a partia desse povo minguido.

Eu perguntei: mas, Carlos cadê a intimação ele logo respondeu: defunto não intimo não! virei-me para o Joaquim — que negócio é esse, irmão?

O Joaquim disse; são mortos alguns desses herdeiros morreram sem se casar alguns deles, solteiros e dividir para os mortos se fizer, são trapaceiros.

Que é isso homem? Acalma
vamos ver como está...

Carlos nos deu o processo
e começamos a olhar;
uma tapa forte na mesa
Carlos fez estrondar...

Com aquela tapa na mesa
medindo a psicologia
notei o dito escrivão
dizer o que não queria
no espírito do seu oculto
do peito que constrangia.

Nicássio Tavares era
um herdeiro que só podia
vender só onze braças
mas, antes da partia
vendeu cinquenta e sete
com muita sabedoria...

O Joaquim se lamentou
não ter um advogado
que estudasse os papéis
para ter o certificado
se Nicássio vendeu mesmo
ou é um caso consumado...

A verdade é portanto
que o dito coronel
fez aquela tranzação
entrando no carrocel
sabendo depois da história
e de sua face cruel.

Se não quis voltar à trás
é por plena culpa sua
pois eu, pessoalmente
em sua casa, na rua
expliquei desde o começo
toda a história cafua.

Se o coronel é culpado
eu não quero aqui julgar
cumpro a minha missão
de poeta e versejar
doendo a quem doer;
vou a história completar.

No dia 11 de dezembro
ao dito Juiz, voltamos
e com ele na sua belina
ao cartório, nós fomos
para o oficial de justiça
reclamar dele, notamos.

O Juiz disse pro Carlos
que o esboço não prestava
e que outro mais bem feito
urgente lhe reclamava
e para um outro ajudante
telefonar ele mandava.

O oficial de justiça
que no momento chegou
iria intimar os herdeiros
e para o Joaquim lhe falou:
traga-me na quinta, um carro,
quando Joaquim concordou.

Aí o Juiz deu ordem
de naquela mesma semana
de resolver a questão
dura, triste e sacana
já que igual a esta
nunca vi mais tirana.

O Joaquim no outro dia
voltou para dizer
que não tinha dinheiro
que pudesse oferecer
para pagar a corrida
do carro sem merecer.

Uma corrida de carro
para o sítio Catolé
eram cinquenta cruzeiros
que o pobre tira a pé
ademais com aquele esboço
Joaquim perdera a fé.

No dia 24 Joaquim
muito triste apareceu
dizendo que "a dita terra
o coronel já vendeu"
e essa conversa assim
logo me estremeceu.

Augusto Vasques Landim
as 40 braças comprou,
passando por suas terras
a cerca examinou
como quem ía fazer
o que antes se exclamou!

Vou resumir a história
sem a pormenorizar
porque se contar tudo
terei muito que anotar
mas Deus me será servido
em tudo o que vou contar.

Um milímetro da verdade
eu dela não me afastei
ao contrário, certas cousas
ao leitor eu não contei
porque certas verdades
dificultam e eu sei.

Aos 16 do mês de agosto
o filho do Joaquim
descobriu que os velhos marcos
foram arrancados, assim
pensavam os malfeitores
por a questão no seu fim.

Isso em setenta e cinco
depois que o coronel vendeu
as terras pro Sr. Vasques
muito mais se sucedeu
pois os marcos de pedra
eram as provas do que leu.

Mas os marcos arrancados
eram pra nova intenção
pois aos 12 de setembro
como no tempo da escravidão
30 homens armados
participaram da questão.

Numa rural e dois gipes
e outro tanto a pé
encostaram nesse sítio
por nome de catolé
os tais homens armados
com rifres revólver e quicé.

Isso assim estou dizendo,
um sobrinho do Joaquim
correndo numa bicicleta
veio do sítio à mim
como se eu fosse autoridade,
a justiça, ou cousa assim.

Ouví o rapaz cansado
e um ofício escreví
para entregar ao delegado
comentando o que ouví
e com o rapaz ao lado
para o quartel eu seguí.

No quartel nós dois entramos
e fomos a um oficial
que ouviu toda a história
mas disse ser mais legal
porque o homem da segurança
estava na terra, e tal.

Ao Secretário de Segurança
do grande estado do Ceará
foi contada a mesma história
como foi como há
acontecimento como esse
nunca foi e nem será.

Num papel foi tudo escrito
entregue pro delegado
falando numas mulheres
que tinham testemunhado
o acontecimento impune
do nosso querido estado.

A rural trazia os rifres
enrolados com um pano
nos gipes vinham uns homens
desses que não fazem engano
só não se diz quem os mandou
e qual o nome do fulano.

Joaquim não estava em casa
por muita felicidade
pois se ele estivesse
maior seria a maldade
e o terreno foi cercado
com toda a perversidade.

O Juíz Dr. Miguel
não estava no Juazeiro
portanto o acontecimento
ficou como o primeiro
aguardando pela justiça
que resplandece no cruzeiro

Depois disso, como encanto
a coisa se aquetou
com a família do Joaquim
dentro da cerca que se cercou
esperando pela justiça
que sempre o alimentou...

Passou-se, passou-se o tempo
sem ter nada acontecido
com a justiça nas gavetas;
mas não estava esquecido
esse poeta pequeno
que também é precavido.

No dia 4 de junho
ainda do outro ano
encontrei-me com Iranildo
deputado que tem pano
e pedi para que ele
resolvesse o desengano.

Ao Dr. Maurilio Peixoto
o deputado me levou,
com ele, naquela hora
um novo encontro marcou
para ler todos processos
no cartório, se falou.

Não vou contar os detalhes
porque o papel não vai dar
resumirei a história
porque eu quero findar
mas, no cartório Machado,
veja o que vou contar...

Dr. Maurilio Peixoto
pediu o processo pra ler...
mas o oficial de Justiça
se fez de não entender
depois deu uma desculpa
que ainda estou pra ver.

O mesmo disse para nós
ser difícil de encontrar
o processo do Joaquim
e não ía o procurar;
o advogado baixou a vista
sem nos meus olhos olhar.

Fomos no outro cartório
e lá com muita atenção
foi-nos mostrado o processo
da dita demarcação
sustada pelo Juiz
por ela não ter razão.

Não se confunda o leitor
que dois processos corriam
em 2 cartórios da cidade
em cada um se escreviam
sobre esse caso horroroso
que só os pobres mereciam.

Alí nos despedimos
e o doutor foi para o Crato;
para ler o tal processo
nós dois marcamos um trato
para no dia 24
descobrir-mos a cor do pato.

No mesmo dia marcado
Dr. Maurilio não veio
depois fui com Joaquim
para tirar o meu receio
e na cidade do Crato
nós vimos tudo sem meio.

No Crato Dr. Maurílio
nos pôs o seu desengano
dizendo que estava triste
por todo o resto do ano
pois, não podia enfrentar
a questão do tal fulano!

Parecia que o doutor
ao se tornar disso ciente,
que Augusto Vasques Landim
era também um cliente
de um doutor colega seu
que o tornava incompetente.

Não queria menosprezar
a ética profissional
e também com o coronel
não podia fazer rival;
nós ouvimos, agradecemos
a resposta estrutural.

E aí ficou o caso
dependurado no ar
sem se ter pra onde ir
nem pra onde se mandar
capaz da desesperança
no camponês desabar!

E o tempo foi se passando
com tamanha irreverência
quando o dr. Miguel
marcou nova audiência
para o dia 6 de dezembro
de 75, faço ciência.

Mas, a audiência não houve,
quase dava em confusão
eu não sei porque não houve
e porque tal decisão...
Mais uma vez o Joaquim
saiu com a cara no chão.

Foi marcada outra audiência
pra 25 de maio
mas, não houve a dita cuja
pois foi aquele escangaio
o comentário eu não faço
se não viro papagaio.

Uma terceira audiência
foi finalmente marcada
pra 17 de outubro
por último realizada
às tres horas da tarde
muito quente e inflamada.

O Dr. Lauro Pereira
falou pelo Joaquim
dizendo para os presentes
que não achassem ruim,
mas estava tudo errado
desde o começo ao fim!

Deveria então ser feita
a anulação da tal venda
depois se continuaria
como manda a comenda
terminando o inventário
sem haver mais contenda!

Dr. Edward Férrer
transferiu os poderes
para o Dr. Darival
advogado com deveres
de esclarecer sobre a culpa
dos seus clientes e seres.

Mandou que constasse em ata
sob a sua alegação
que o coronel e sua esposa
tinham boa a intenção
quando compraram a terra
dessa infindável questão.

Quarenta braças legítimas
compraram a Dom Quintino
no ano de dezenove
eu anotei e atino;
agora que o resto foi
do implacável destino.

Não sei tudo o que escreveram
naquela misteriosa ata
mas assistí a audiência
com a justiça pacata
só não sei porque até hoje
essa questão não desata.

Tudo ficou bonito
terminada a sessão
cada qual para o seu lugar
pensando na intenção
do referido Juiz
que acredito, ser cristão.

Depois disso eu perguntava,
ia no cartório e além
procurava o oficial
sendo por mal ou por bem
até que um dia eu soube
dessa sentença que vêm:

O Meretíssimo Juiz
dizia na sua sentença
que o camponês Joaquim
tinha na sua presença
paciência beneditina
sem nunca fazer ofença.

Se admirava como ele
poude a isso resistir;
se o leitor ler a sentença
de alegre vai sorrir
mesmo assim, nem o Juiz
poude a ele garantir.

Com uns tempos depois
o Juiz foi para fora
a própria magistratura
deu a mão à palmatória
e esse mesmo Juiz
à justiça hoje implora...

O irmão do coronel
era também um coronel
e governava o estado
dessa injustiça cruel
e o dito juiz
foi de encontro ao carrocel.

O Dr. Miguel Furtado
em carta denunciou
as ocorrências infames
e o governo se desgostou
afastando o Juiz
que também se injustiçou.

No Estado do Ceará
foi aquela confusão
com denúncias de pistoleiros
mortes impunes, corrupção
mas o irmão do coronel
mantinha seu galhardão

Eu já ia me esquecendo
do que também aconteceu
aos cinco de janeiro
de 76, nesse apogeu
de vandalismo e conspiratas
desse mundo tão incrível.

O Sr. Vasques Landim
uma nova cerca passou
e seu gado no arrozal
sem compaixão despejou
e a descendência do Joaquim
amargas lágrimas chorou.

Nesse meio Joaquim
procurou o Sindicato
e ele uma intimação
deu para o seu desacato
terminou porém em nada
sem pagar e sem contrato.

Joaquim arranjou dinheiro
e a Brasília foi então
com todos os documentos
pensando na solução
andou, mexeu e virou
na sua orientação.

Em Brasília ele falou
com senador e deputado
gente de farda verde
que ficou admirado
só não falou com o Presidente
por se achar sem o estado.

Houve até jornalista
que com a história chorou
se admirando de tudo
mas, em Brasília ficou
e até hoje o Joaquim
pela justiça esperou...

Os jornalistas noticiaram
de São Paulo e Brasília
Rio de Janeiro e Bahia
fizeram enorme vigília
mas a história ficou
sem acobertar a família.

Enquanto Joaquim estava
na capital da nação
apareceram uns visitantes
com muita ilustração
mas as terras do Joaquim
ficaram sem solução.

Como Joaquim não estava
a irmã dele falou,
e a história aos homens
de novo ela contou
mesmo porque um deles
muito a incentivou.

Disseram que estavam ali
a mandado da autoridade
do Ministro da Justiça
mas queriam a verdade;
não contando pra ninguém
que havia novidade.

Esses homens disseram:
tenham vocês paciência
que mais cedo ou mais tarde
a força da consciencia
virá de encontro a vocês
sem haver mais retiscência.

No outro dia alegre
ela veio me contar,
a irmã do Joaquim
entre sorrir e chorar
com a nova esperança
na sua casa a soprar.

Eu também fiquei alegre
digo verdade, não minto:
exclamei pra minha mulher
agora mesmo, eu sinto —
vou terminar a história
e entrei pro meu recinto.

Minha mulher disse assim:
não faça isso agora!
Não publique esse folheto
se não a cousa piora
esses homens são do governo,
diante deles quem vigora?

Eu respondi: minha filha
eu não maltrato a ninguém
meu folheto é a verdade
e desmentí-lo não vêm
o coronel ou o irmão dele
porque razão nenhum tem.

Ele como autoridade
deputado federal
com patente do exército
muito rico, coisa e tal,
já devia ter procurado
por a questão no final.

O Joaquim ainda deve
ser por eles idenizado
pelo outro que comprou
também tudo escriturado
porque um caso desse
não existe noutro condado.

No momento minha mulher
de temor poz-se a chorar
eu fiquei sem muito jeito
e comecei a ajeitar;
ela disse: pois só publique
quando o governo se afastar!

— Ele é um deputado
o irmão, governador
o outro irmão na Assembléia
e o outro é um doutor;
eles tem tudo nas mãos
e como fica o senhor?

— Você sabe que nós temos
advogados e Juiz
delegado e promotor...
agora o que você diz?

— Botaram o Juiz pra fora
como se bota uma meretriz!

É mesmo minha mulher
você tem certa razão
mas, quando o governador
não for mais o seu irmão
eu publicarei a história
para encontrar solução.

O povo sabendo disso,
a autoridade federal,
botando tudo nas vistas
desde o começo ao final
vai ver que gente resolve
de maneira ideal.

Aliás, tem uma parte
que ainda não contei:
foi quando derrubaram a casa
do Joaquim e sua grei;
num vadalismo mascarado
como não verifiquei.

Eu estava em minha casa
quando Joaquim, pálido chegou
com a cara muito triste
baixinho me murmurou:
derrubaram aquela casa
que meu povinho morou!

Eu fiquei com a goela
que era somente um nó
indignado com a ação
e de Joaquim com muita dó
— Só fizeram isso com ele
porque ele é pobre de Jó.

Doze homens armados
segundo disse o Joaquim
botaram a casa a baixo
pra ninguém achar ruim;
já sem a casa testemunha
se desmentia no fim.

A casa era uma voz
como os marcos, também
que foram todos destruídos
pra não ter mais ninguém
que comprovasse a herança
de quem justiça não tem.

Nessa calamidade
Joaquim Ferreira ficou
tendo terras pra plantar
mas que o bruto tomou;
tendo a lei do seu lado
mas que não justificou.

Aliás, quem tem coragem
de um poço envenenar,
tem coragem para tudo
inclusive a de roubar
fazer cousas inconfessáveis
e o semelhante matar.

Outro dia à sua casa
Joaquim me convidou
para eu ver com meus olhos
o que o diabo negou
— um poço inutilizado
porque alguém o envenenou!

Só se sabe que um dia
o poço amanheceu
com as águas escumando
e ninguém dela bebeu
mas um cachorro que tinham
bebeu da água e morreu.

Esse poço era uma cacimba
cavada raza no chão
que Joaquim e a família
bebiam dela e então
servia para a conzinha
conzinhandando o seu feijão.

Exclusivamente Jesus
que é filho do Deus Amado
me dá coragem agora
para ter os versos gravado
— Quem toma a terra dum pobre
não tem alma e é malvado.

Joaquim deixou amigos
em Brasília, a capital
esperando dessa questão
o discutível final
na Assembléia, na Câmara
e no Senado Federal.

Muitos homens se admiram
com tal acontecimento
num país de católicos
com bandeira e firmamento
com Leis, com gente, com tudo
e com muito descaramento.

Bemaventurados os mansos
porque possuirão a Terra;
Deus acuda o Joaquim
nessa luta que encerra
e confunda aquele ímpio
que só sabe fazer guerra.

Bemaventurados os que tem fome
e sede de fazer justiça;
o puro de coração
porque do outro não cubiça;
pois Deus saciará a sede
desse mundo de carniça.

Seja conosco o Anjo
que dependeu daquela cruz
as chagas todas abertas
do nosso Amado Jesus
que redime os pecados
e nos envolve de luz.

Nesse momento eu faço
um apelo a Nação:
resolva do Joaquim
tão miserável questão;
sendo o nosso advogado
o Pe. Cícero Romão.

Fim - 1a. Edição - 2M - JN agosto-78

Endereço do Autor para pedidos:
desse e de outros folhetos de sua
autoria:

ABRAÃO BATISTA

Rua Sto. Antonio, 499 - C. P., 104

63.180 — Juazeiro do Norte — Ce.

Do Mesmo Autor, entre outros:

A Menina que foi gerada fora da mãe na Inglaterra

O Nascimento do Padre Cícero

O que uma coroa deve fazer para se casar

A Corrupção no Ceará, e a intervenção imprevisível do governador em Juazeiro do Norte

Discussão de um Eleitor com um Xeleléu

A Promessa que o Pe. Cícero fez e a construção da Igreja do Coração de Jesus

Lozart e Ormando no País dos Xelelés - 1º Vol.

Lozart e Ormando no País dos Xelelés - 2º Vol.

O Fazendeiro que castrou o rapaz porque namorou a sua filha

O Encontro do Soldado Paraíba com o Vigia da Uzina.

As Duras Lamentações de uma coroa

A Moça que o diabo tomou conta p/ a matar de fome

O Massacre dos casseteiros na Matriz do Juazeiro

A Via Sacra do Horto